
Olhos de Lua
Mariana Lucioli

Olhos de Lua

Todos os direitos reservados Mariana Lucioli, 2021
Publicado de maneira independente por Mariana Lucioli pela Amazon
Revisão: Maria Ottoni / Instagram: @_marialiteraria
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, organizações, lugares e situações são frutos da imaginação deste autor ou usados como ficção. Qualquer semelhança com a realidade ou fatos reais é mera coincidência.
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, total ou em partes, através de quaisquer meios. Os direitos autorais e morais do autor foram contemplados.

Índice

- I
- II
- III
- IV
- V

Notas da Autora

Agradecimentos

Para Addie La Rue,
que inspirou toda esta história.
Eu sempre me lembrarei de você, Addie.



Seu nome era Luna, pois foi em uma noite escura, em que seus pais mal conseguiam distinguir o astro em meio à escuridão, que ela nasceu, iluminando todo o simples casebre.

Seus olhos eram tão grandes quanto a própria lua, duas esferas cintilantes e curiosas, absorvendo tudo ao seu redor. Luna não chorou, nem por um segundo. Não chorou quando deixou a proteção quentinha do útero e não chorou quando seu olhar cruzou com o de sua mãe.

Isabela mantinha seus olhos pregados no rostinho rechonchudo de Luna, como qualquer mãe apaixonada pelo seu recém-nascido.

A única diferença de Isabela para as outras mães era que ela não estava realmente vendo sua filhinha, muito menos ouvindo os barulhinhos dengosos que sua bebê fazia. Seus olhos, entretanto, mantiveram-se fixos na pequena Luna. Até que seu marido os fechou, com a mão tremendo e os olhos embaçados, para nunca mais serem abertos.

Luna observou tudo do colo de seu pai sem derramar uma única lágrima, mas tentou estender seus bracinhos o máximo que conseguia para alcançar a mãe e buscar conforto em seu abraço.

Seus olhos de lua se desviaram do corpo de Isabela para a porta, que rangia baixinho, deixando o frio da noite entrar em sua casa.

Uma velha senhora entrou com passos arrastados, carregando consigo uma bengala elegante, esculpida com pequenas borboletas em toda sua extensão. No topo, um cristal do mais puro branco reluzia.

Luna viu seu pai desviar os olhos da anciã, engasgando com seus soluços desesperados. Ela sentiu os braços do homem se apertando em volta de si, medo exalando de sua alma, contaminando todo o corpinho da recém-nascida, inundando-a de pavor.

A mulher parou em frente aos dois, seus olhos turvos como leite talhado. Os longos dedos agarravam o cristal de sua bengala, mas ela não parecia necessitar do apoio. Suas costas eram tão eretas como o tronco de um pinheiro.

Ela transparecia luxo desde os pés, calçados com elegantes saltos de bico fino, até à cabeça, enfeitada com grandes penas brancas em um coque alto. Seu longo vestido roxo contrastava com a brancura de seus cabelos e realçava o alvor de seus olhos.

A menina não entendeu os estranhos sons que deixaram a boca dos dois, mas percebeu que a mulher estava brava e seu pai, desolado e aflito.

Luna não chorou quando a anciã estendeu a mão para acariciar sua cabeça, nem quando seu pai a estapeou para impedir o toque. Luna não chorou quando a mulher, com a boca contraída em linhas finas, virou-lhe as costas e seguiu em direção à cama em que sua mãe repousava.

Erguendo um dos finíssimos braços, a mulher pousou o cristal na testa ainda suada de

Isabela. Sua mãe, como em um transe, abriu a boca ressecada. Dela, borboletas brancas surgiram.

Luna não chorou quando os pequenos seres alados envolveram todo o quarto em um tornado alvo e silencioso. Mexendo seus dedinhos, ela tentava agarrar as borboletas que chegavam perto de suas mãos gordinhas.

Girando em círculos, os insetos engoliam tudo em seu caminho, tornando impossível enxergar um palmo à frente sem se deparar com inúmeras asas.

Ela não chorou quando seu pai, em desespero, abriu a janela do cômodo, para permitir que os animaizinhos voassem para longe.

Com seus olhos de lua, ela observou a nuvem de borboletas desaparecer no horizonte, viajando em direção ao astro da noite.

A anciã, entretanto, já não estava mais em lugar algum.





Pedrinhas voavam enquanto Luna corria pela trilha que levava até a aldeia. Seu cesto oscilava de um lado para o outro, a palha por vezes agarrando o tecido esvoaçante de seu vestido. Seus longos cachos negros balançavam nas costas, emaranhando-se uns nos outros.

Todos os dias, a menina levava ovos frescos para o mercado, ajudando seu pai nas tarefas da fazenda. Luna sempre lhe dizia que preferia ficar em casa, ordenhando sua velha vaquinha ou ajudando nas plantações. O pai lhe respondia que não deveria tentar fugir de suas responsabilidades, que seria melhor que ela continuasse com sua rotina diária.

A verdade era que ninguém a queria na cidade e ela sabia muito bem disso. Luna via o desgosto nos olhos do padeiro quando lhe oferecia a mercadoria, ouvia claramente o nojo das crianças que brincavam nas ruas e sentia o asco do padre quando ela lhe ofertava as sobras diárias.

Seu pai, ela sabia, ainda tinha a esperança — a ilusão — de que os moradores da aldeia a aceitariam, tratariam-na como uma igual. Mas Luna tinha a triste certeza de que isso nunca aconteceria.

A pequena aldeia nunca fora muito supersticiosa, estavam perto demais das capitais para serem considerados interioranos e perto o suficiente das faculdades para ouvirem as novidades científicas em primeira mão. Todos na cidade se orgulhavam dos avanços e do quanto eram mais atualizados do que o restante do país.

Mas, se havia algo sobrenatural em que acreditavam, era nela. A Morte. Não como algo abstrato, mas como um ser vivo, um *alguém*.

Não havia um aldeão que não conhecesse a história de Luna, a menina que a Morte não conseguia alcançar. Seu pai havia tentado lhe esconder a verdade de seu nascimento, mas a falação que abatia a cidade todas as vezes que se aproximava tornaram impossível que Luna não soubesse da lenda envolvendo a si mesma.

Lenda, seu pai dizia, que havia sido distorcida da realidade com a passagem da história no boca a boca.

Quando Luna tinha sete anos, o pai finalmente cedeu às súplicas da menina, que implorava para que lhe contasse a verdade assim que voltava da vila.

— Se não for pedir muito, papai — humildemente, ela finalizava seu pedido.

Em frente à lareira, no ápice do verão, ele pareceu gelado quando sua filha lhe dirigiu a palavra, mas concordou, engolindo em seco.

— Há muito tempo, eu e sua mãe tínhamos um filho. Ele era tão lindo quanto você. — Seu pai lhe deu uma piscadela desanimada. — Mas infelizmente não tão forte. Ficou conosco por dez anos e nos deixou em um inverno especialmente rigoroso.

Luna havia prendido a respiração. A criança havia ganhado e perdido um irmão em meros minutos, mas sua mente infantil ainda não havia compreendido isso. Tudo o que sentia era um pouco de ciúmes, nervosa com o fato de que existira outro antes dela, que ela provavelmente

ainda dividia o afeto de seu pai com ele.

Mas Luna não falou nada, pois via a tristeza avassaladora nos olhos do pai. Ao invés disso, deixou-o continuar.

— Eu e Isabela nos tornamos inconsoláveis. Era nosso único filho, nosso maior tesouro, e a Morte simplesmente o tomou. Impiedosa e cruel.

Seu pai se levantou e seguiu até a cozinha, abrindo um dos pequenos armários em cima da mesa.

Luna torceu o nariz ao vê-lo pegar a garrafa-com-cheiro-esquisito. Ela odiava aquela garrafa. Além de feder, deixava seu pai estranho, apático. Se a história precisava que Jean usasse a garrafa, era sinal de que coisa boa não deveria ser mesmo.

— Mas, na primavera seguinte, sua mãe engravidou novamente. — Ele tomou grande gole, grunhindo e trincando os dentes. — Todos na aldeia falaram que seria uma gravidez perigosa, mas não acreditamos. Estávamos cegos de felicidade, achávamos que os deuses haviam nos dado uma segunda chance, um presente de vida depois que a Morte havia nos tirado tudo.

O homem se jogou em uma das cadeiras da cozinha, brincando com a garrafa à sua frente.

— Era você, pequena lua, nosso presente. — Seu pai estendeu o braço até tocar a ponta do indicador em seu nariz, dando-lhe um leve cutucão.

Luna sorriu, achando graça.

Ela era um presente. Sempre gostou dessa ideia. Até usava os lacinhos na cabeça que vinham junto com suas prendas de aniversário.

O pai continuou:

— Depois de alguns meses, Isabela começou a ter dores. Eram bem leves no início, mas foram piorando. Piorando muito. — Ele tomou um gole maior desta vez, até que o líquido da garrafa-com-cheiro-esquisito diminuísse até metade do vidro. — Consultamos todas as parteiras da redondeza, até viajamos para a capital, mas todas diziam a mesma coisa: você não nasceria.

Luna franziu o cenho.

Isso era esquisito, porque ela tinha *sim* nascido.

Sua vontade era de interromper seu pai e mandá-lo ir direto ao ponto, mas sabia que não adiantaria nada e isso só a deixaria de castigo, então ficou quieta.

— Um dia, sua mãe se cansou de buscar alternativas com os humanos. Ela procurou um ser mais poderoso, mais forte, alguém que poderia ajudá-la. — O pai esfregou os olhos, cansado. — Mas só me falou o que tinha feito quando voltou para casa, no meio da noite.

Mais interessada, Luna se debruçou sobre a mesa, apoiando a cabeça em seus punhos e encarando seu pai com expectativa.

— Sua mãe, pequena lua, fez um acordo com a Morte.

Luna não entendeu de primeira.

Nem de segunda.

Levaram três explicações para que a menina compreendesse o que sua mãe havia sacrificado por ela.

Isabela havia dado a própria vida em troca da vida de sua filha.

Enquanto a vida de Luna fosse dela própria, a Morte não lhe alcançaria. Ela poderia viver sem medo de acidentes, doenças ou infortúnios, pois a Morte sempre lhe viraria o rosto. A Morte poderia se aproximar, mas nunca encostar na garota.

Assim, quando Luna nasceu, a Morte veio coletar sua dívida, ceifando a vida e a alma de Isabela.

— Não é uma história bonita, pequena lua. — Seu pai suspirou — Mas é a sua história, então deve se orgulhar dela. Ela faz você ser quem é, e eu não trocaria você por nada.

— Eu também não, pai — Luna concordou veementemente. — Gosto de mim.

Um sorriso triste brotou nos lábios desgastados do homem e o brilho infeliz que vez ou outra cintilava em suas íris tornou a aparecer.

— Talvez você não queira isso agora, menina, mas pode chegar um dia em que você não goste tanto assim de si. E é por isso, e só por isso, que estou te contando essa história. Mesmo que a Morte seja sua madrinha, você é, antes de tudo, nossa filha. Você nasceu de um amor, Luna, que desafiou a própria eternidade, assim como a Lua desafia a escuridão todos os dias.



Com doze anos, Luna percebeu que seu pai estava certo. A aldeia tinha, por fim, a aceitado.

Não diria que os aldeões a tratavam como uma igual, mas os olhares de rejeição já não eram tão comuns quanto no começo de sua infância. Agora, olhavam para Luna como se ela fosse somente um mosquito chato em seus ouvidos.

A menina sabia que a antipatia das pessoas que se consideravam amigas do seu pai antes do nascimento dela o machucava, por isso se esforçava para ser o mais simpática possível.

Luna era sempre sorrisos e covinhas, olhares amistosos e cortesias. Não que fizesse muita diferença, mas ela pelo menos fazia sua parte, pelo pai.

Mas havia uma menina, dentre as várias moradoras da aldeia, que não a detestava.

Seu nome era Aurora e ela era filha do padeiro. Com cabelos da cor de trigo fresco e meiga como duas colheres de açúcar, Aurora sempre cheirava a massa de biscoito e baunilha.

Para o desespero do padeiro e de sua esposa, as duas se tornaram melhores amigas, inseparáveis como um caracol e sua concha.

Aurora, assim como Luna, era uma garota muito agitada e curiosa. As duas passavam horas brincando nas charnecas próximas à aldeia, procurando fadas em pequenos círculos de pedra e buscando por duendes todas as vezes que chovia.

Inclusive, juravam de pés juntos que já haviam encontrado um lobisomem. A dupla inflava os peitos para falar sobre como o monstro queria sequestrá-las e teria conseguido, se não contassem com a astúcia das duas.

Aurora era o terror dos moradores da vila, sempre pregando peças e metendo o nariz onde não devia. Pequena e miúda, a menina estava sempre se esgueirando por frestas de portas entreabertas e espiando por janelas mal fechadas, coletando histórias e causos para contar a Luna mais tarde. Não havia nada mais gratificante e excitante para as meninas do que descobrir uma fofoca antes de todos.

Mas, o passatempo favorito das amigas era colher cogumelos. Era, também, a desculpa que sempre usavam para que o pai de Aurora permitisse que as duas saíssem juntas.

— Estamos indo buscar os cogumelos para as tortas, papai — a menina disse naquela manhã. — Voltamos antes do anoitecer.

O homem olhou para as garotas por cima do balcão e grunhiu. Apontando um dedo na direção de Aurora, rosnou:

— Vá, mas se chegar um minuto após o sol se deitar, você nunca mais sai com essa filha da noite.

Aurora levou a mão ao coração e fez o sinal da cruz, jurando pela sua vida que nada daria errado.

As meninas saíram correndo da pequena loja, pulando nas poças formadas pelas chuvas de verão e brincando com galhos quebrados.

Não demorou para que chegassem à clareira que costumavam brincar. As árvores ao redor pareciam se curvar em direção ao centro, formando um dossel vivo e vistoso. Os raios de sol que ultrapassavam a barreira de folhas iluminavam o colchão de flores silvestres que se estendia pelo chão.

Em um canto, uma pequena elevação, do tamanho de um jovem adulto, fornecia o local ideal para as crianças guardarem seus tesouros, uma espécie de caverna de terra que, na opinião das meninas, obviamente era encantada.

As duas se sentaram dentro da gruta, entrando em suas sombras entre risadinhas e cochichos. Ainda teriam o dia inteiro para apanhar os cogumelos.

Essa era a hora preferida de Luna, pois era o momento em que Aurora lhe contava tudo o que havia acontecido na aldeia desde a última vez que brincaram. Como ninguém a queria por perto, Luna tinha uma vida solitária e monótona, e qualquer lampejo da rotina dos aldeões que Aurora lhe contava era uma preciosidade.

A loira segurou as mãos de Luna, animada.

— Adivinhe quem foi encontrada com um menino no celeiro ontem à noite?

Luna quase engasgou com a própria língua, tamanha sua surpresa.

— Um menino? — ela disse, seus olhos tão grandes quanto a lua.

Aurora sorriu maliciosa, balançando lentamente a cabeça.

— Quem? — perguntou Luna.

Mesmo estando no meio da floresta e dentro de uma gruta, Aurora olhou para os lados antes de sussurrar:

— Eleanor!

Luna levou as mãos à boca, chocada.

Eleanor sempre lhe pareceu uma garota muito inocente e ingênua, até mais que as duas, mesmo sendo três anos mais velha. Ela gostava da menina. Não era tão amigável quanto Aurora, mas sempre a cumprimentava no mercado.

— O que irá acontecer com ela agora? — Luna pensou em voz alta, preocupada com a garota.

Aurora deu de ombros, mas lhe respondeu mesmo assim:

— Ouvi dizer que os pais dela irão casá-los.

— Casar? — Luna exclamou. — Deus me livre e guarde.

Jogando a cabeça para trás, Aurora gargalhou.

— Qual o problema, Luna? É a melhor opção para uma menina que teve a honra difamada.

Luna bufou, ultrajada.

Honra difamada uma ova. Seu pai lhe dizia que a honra de uma pessoa era medida apenas pela bondade em seu coração e Luna tinha certeza absoluta de que a honra de Eleanor permanecia intacta.

— Você não acha injusto ela ter de se casar por causa de uma única noite, Aurora? — Luna questionou.

— Na verdade, não. — A menina se levantou, saltitou até o meio da clareira e começou a rodar alegremente. — Acho que pode ser o início de uma linda história de amor.

Luna cruzou os braços e ergueu as sobrancelhas, observando a amiga rodopiando pela charneca. Ela não acreditava que o amor pudesse surgir assim, forçado através de um casamento.

O amor precisava ser algo leve, natural.

É claro, Luna provavelmente nunca sentiria isso para poder afirmar com certeza, mas ainda se manteria firme em sua aversão ao casamento arranjado.

Aurora devia ter notado sua mudança de humor, pois parou de rodar e se dirigiu para a gruta, puxando a amiga para cima.

Ela pegou um dos cachos dela entre as mãos e o colocou atrás da orelha, posicionando uma margarida logo acima.

— Nós duas ainda vamos ter nossas histórias, Lu — ela lhe disse. — Mas agora precisamos colher cogumelos.

Luna sentiu seus lábios se alargando em um grande sorriso.

Talvez, um dia, ela pudesse acompanhar a história de amor da amiga, mesmo que não pudesse sentir na pele o afeto que tanto desejava. Porém, não hoje.

Hoje era dia de catar cogumelos.

As duas correram por entre as árvores, abaixando-se para analisar troncos caídos e pedras úmidas em busca de fungos comestíveis. Vez ou outra, topavam com um arbusto de amoras silvestres e se lambuzavam com as frutinhas pretas.

Luna e Aurora trabalhavam em um silêncio confortável, cortando os talos de gordos cogumelos e limpando a terra de seus topos antes de acomodá-los em seus cestos.

Estavam andando por uma velha trilha quando perceberam o vermelho intenso do rosalgar. Elas já haviam encontrado esse cogumelo antes, mas nunca antes de uma chuva. Seus chapéus carmesim estavam ornados com vários pontinhos brancos, dando um aspecto alegre e animado para os pequenos fungos.

Luna não era boba, ela sabia o que aqueles cogumelos faziam. Não eram ideais para as tortas, não mesmo. A não ser, é claro, que você quisesse ficar mais “relaxado”, como dizia seu pai.

Os adultos da aldeia eram ávidos consumidores destes diminutos cogumelos. Todas as vezes em que um dos aldeões batia as botas, o velório era regado de chapéus vermelhos.

Para melhorar o espírito, eles diziam.

Mas nunca, nunca mesmo, era permitido que uma criança experimentasse o petisco.

Aurora e Luna se entreolharam, seus olhos bem abertos. Sorrisos idênticos estavam fixados em seus rostos, lábios travessos denunciando as intenções nada altruístas das duas.

— Não devemos — Luna disse, mais para si mesma do que para Aurora.

— Não — Aurora concordou, o mesmo tom alheio a realidade em sua voz, como se mesmo resistindo, o destino das duas já estava selado. — Mas vamos mesmo assim.

Cobiçosas, as meninas se agacharam em frente aos cogumelos, lambendo os lábios em expectativa. Entre risadinhas e olhares cúmplices, elas arrancaram um fungo cada.

— O que acha que vai acontecer? — Luna perguntou.

Os olhos de Aurora brilharam.

— Acho que vamos finalmente ver as fadas.

Luna olhou ao redor, imaginando onde os pequenos seres deveriam estar escondidos.

— Mamãe me disse que esses cogumelos são o presente de Deus para nós, para podermos ver a sua criação pelos seus olhos.

Luna franziu o cenho.

— Se isso é verdade, por que não nos deixam comer?

Aurora deu de ombros, desinteressada.

— Vai ver que é pecado, igual encontrar um menino no celeiro.

Subitamente, Aurora agarrou suas mãos.

— Pronta?

Luna não respondeu, apenas deu o seu sorriso mais sapeca e colocou todo o cogumelo na boca.

Aurora logo a imitou, mastigando o pequeno fungo como se sua vida dependesse disso.

O gosto de terra era horrível, amargo e asqueroso e nem se comparava com as saborosas tortas do padeiro, mas Luna se forçou a engolir tudo, cada pedacinho.

Não demorou muito para ela sentir o céu encontrando seus olhos, a floresta lhe chamando de amiga e as cores do mundo lhe dando boas-vindas.

Uma leveza suave tomou conta de seu corpo e ela gargalhou, abrindo os braços para agradecer a natureza pela delicadeza do toque em sua mente.

Uma risada alegre lhe chamou atenção e ela se lembrou de Aurora.

Aurora!

Sua melhor amiga, a menina mais bonita que conhecia, a garota mais bondosa de toda a aldeia.

Ela amava Aurora.

E Aurora a amava.

Ela podia sentir a conexão entre as duas vibrando como uma corda de pular, rápida e alegre. Os cabelos bagunçados de Aurora nunca foram tão loiros. Eles brilhavam como ouro e Luna não conseguiu impedir suas mãos de acariciarem as mechas.

Aurora deitou a cabeça na mão dela, fechando os olhos em um sorriso calmo e gracioso. Luna levou sua testa até a da amiga e as duas permanecerem assim, um sono aconchegante tomando conta de todos os seus músculos.

Luna não sabia quanto tempo havia passado, mas Aurora a cutucou em um momento da tarde, oferecendo-lhe mais dos maravilhosos cogumelos.

Suas mãos estavam cheias, com fungos escarlates transbordando de suas palmas. Sem hesitar, Luna tomou um punhado para si mesma e se pôs a comer, assim como Aurora.

Um.

E mais um.

E mais dois.

O gosto era cada vez melhor, mais apetitoso, mais doce.

Um em seguida do outro.

Até que o sono era tão pesado e tão agradável que nenhuma das duas resistiu ao seu chamado.

Deitadas na grama, as meninas se aconchegaram uma contra a outra e dormiram, radiantes e exultantes.

A vida nunca fora tão linda e, com Aurora ao seu lado, Luna pensou que soubesse o que era amor.



Quando Luna acordou, o mundo já não era a realidade fantástica e encantada

em que achava que permaneceria para sempre.

Ela se apoiou em seus cotovelos, arqueando o torso. Piscando, tentou afastar a dor de cabeça forte que estava lhe causando náusea.

Luna tentou tirar as folhas de capim que haviam se enroscado em seus cachos, sem sucesso.

Suspirando, virou-se para encontrar Aurora, ainda dormindo serena ao seu lado. Ela afastou os cabelos loiros do rosto da amiga com um sorriso.

Ela era tão linda. Parecia um anjo.

Quando posicionou sua franja atrás da orelha, Luna notou um pequeno filete de sangue escorrendo pelo seu queixo.

Franzindo o cenho, ela tocou o fio carmim no rosto alvo de sua amiga, retirando bruscamente a mão ao sentir o gelado da pele de Aurora.

— Você demorou, pequena lua.

Luna virou a cabeça em direção à voz rouca que havia lhe assustado.

Sentada em um tronco caído e cheio de musgo, uma senhora de cabelos brancos repousava com as mãos em um sofisticado cajado.

Uma coceirinha no fundo de sua mente lhe dizia que já se conheciam, mas nenhuma memória veio lhe iluminar.

Com medo, Luna apertou a mão da amiga, tentando acordá-la, para que pudessem correr se fosse preciso.

Algo naquela mulher lembrava a curandeira da vila, uma anciã corcunda e bruta que já estava morta há um ano. Luna havia atendido ao velório e o cheiro doce e enjoativo das flores no esquife, colhidas e posicionadas em uma tentativa infeliz de disfarçar o inconfundível perfume da podridão, nunca deixou sua mente.

A senhora à sua frente, em toda sua elegância e polidez, era como a personificação daquele aroma. Ela era azeda e pestilenta, assim como um cadáver comido pelo tempo e pelos vermes.

— Quem é você? — Luna exigiu saber, tentando manter a voz firme.

A senhora sorriu, maliciosa.

— Isso é jeito de falar com a sua madrinha?

Todo o fôlego que ainda restava deixou o corpo de Luna em um arquejo incrédulo.

A mulher era idêntica às histórias de seu pai. Elegante, soturna e mórbida.

Pútrida.

Luna sentia todo o seu corpo tremer. Seus braços por pouco ainda tinham forças para sustentá-la, sendo mantidos apenas pela adrenalina que fazia seu coração bater mais rápido.

— Ora, vamos. — A mulher cruzou as pernas. — Você sabe que não posso machucá-la. Sua vida ainda pertence a você, pequena lua.

Luna suspirou, aliviada.

Não queria ir embora com a Morte. Queria ficar ali, com Aurora e seus cabelos loiros e suas mãos macias e…

E Aurora.

Luna virou-se depressa para verificar a amiga.

A amiga que expelia sangue.

A amiga que estava gelada.

A amiga que ainda não havia acordado.

— Você realmente deveria ter mais cuidado, menina. — A Morte fingiu preocupação. —

Aurora quase ingeriu o suficiente para se matar. *Quase*. Mas você, pequena lua? — Riu, rouca e áspera como uma faca mal afiada. — Você comeu o suficiente para matar as duas. É uma pena que eu só possa levar uma.

Luna sacudiu Aurora pelos ombros, tentando acordá-la, em vão. A menina parecia uma bonequinha de porcelana, mole e frágil.

Desesperada, Luna beliscou, gritou e bateu em Aurora, mas sua amiga não reagiria a mais nada.

Ela já não reagia há bastante tempo.

Quando a mulher se aproximou, andando pela charneca como se o mundo fosse dela, Luna agarrou Aurora e a espremeu contra si, envolvendo-a com seus braços e aninhando a cabeça dela em seu ombro.

Luna engoliu em seco, fechando os olhos bem apertados. Suas lágrimas rolavam soltas e um grito preso em sua garganta amargava toda a boca.

A menina sentiu o cajado da mulher descer sobre as duas e pousar na cabeça de Aurora, mas Luna não abriu os olhos. Ela sentiu pequenas asas roçando a sua bochecha, ansiosas para voarem para longe de si. Ela sentiu o peso da amiga em seus braços ficar tão leve quanto o ar.

Somente quando não sentia nada além dos insetos ao redor de si que a menina teve coragem de abrir os olhos.

Aurora já não estava mais em lugar algum.



A pequena casa tremia com a fúria dos aldeões. Luna mantinha-se encostada no canto mais afastado da porta, abraçando-se como se pudesse se proteger da raiva dos camponeses.

A verdade era que ela não podia.

Nem ela, nem o pai que, mesmo sabendo em seu coração que o destino estava tão próximo quanto a pele de seu corpo, não deixou de reforçar todas as aberturas da cabana, arrastando os poucos móveis que tinham para impedir a entrada dos aldeões.

Gritos coléricos preenchiam os ouvidos da menina, retumbando em seus ossos e apertando seu pequeno coração. Seus olhos, tão grandes quanto a lua, estavam bem abertos, pois, caso suas pálpebras se deitassem, o corpo sem vida de Aurora surgia vívido em sua mente.

Luna chorava enquanto o pai arfava, jogando seu peso contra a porta. Ele tinha a morte refletida nos olhos, mas mantinha um sorriso contido em seus lábios.

— Vai ficar tudo bem, pequena lua — ele afirmou, várias e várias vezes.

Seu pai havia dito isso quando Luna chegou em casa, desorientada e desolada. Ele havia dito isso quando começou a trancar as portas e janelas, tão rápido quanto humanamente possível. Ele havia dito isso quando os camponeses irados chegaram com tochas e arados, exigindo que entregasse a menina.

E seu pai ainda dizia que ficaria tudo bem, mesmo com os machados detonando as estruturas frágeis da pequena cabana, fazendo rasgos na madeira e tornando visível olhos vermelhos repletos de furor e vingança.

Quando, por fim, conseguiram abrir uma fresta na porta de entrada, o homem correu para junto da filha, prostrando-se de joelhos em sua frente. Com a cabeça erguida e os olhos

marejados, ele encarou o padeiro furioso e seus capangas enquanto eles irrompiam no pequeno cômodo.

Luna lutou para trazer o pai para perto de si, mas ele estava firme como uma rocha. Assustada, ela cobriu os olhos com as mãos, incapaz de assistir o desenrolar da vingança de Aurora.

— Sai da frente — o padeiro rosnou. — Não quer se ver livre do estorvo que Isabela te deixou?

— Minha filha nunca poderia ser um estorvo — seu pai respondeu, com a voz embargada e as mãos apertadas em punhos.

— Não seja burro, Jean. — O padeiro o agarrou pela gola da camisa, erguendo-o do chão uma força surpreendente. — Esse demônio — ele cuspiu em direção à Luna —, nunca foi sua filha.

Luna se retraiu, apertando os braços em volta de si. Seu queixo tremia e as lágrimas embaçavam sua visão, tornando a cena à frente um borrão confuso e caótico.

A menina queria gritar que não tinha culpa, que ela nunca, em hipótese alguma, sequer cogitaria machucar Aurora, mas os berros dos aldeões e o calor das tochas a estavam deixando confusa, atordoada.

— Deixe-a ir — seu pai suplicou. — Se não por mim, por Isabela.

Por um momento, a sala ficou silenciosa. O estalar da madeira queimando era o único som a ser ouvido. Neste breve instante, Luna ousou criar esperanças. Ousou imaginar um mundo onde poderia chorar em paz a morte da amiga e compartilhar a dor de sua ausência com o padeiro e sua mulher.

Mas o momento de fé, como todas as coisas boas em sua vida, durou pouco.

— Isabela fez as escolhas dela e isso a matou — o pai de Aurora grunhiu. — Eu fui paciente. Muito paciente, Jean. Mas perdi minha filha hoje. Não perderei meu cunhado como perdi minha irmã. Se você não quer ver a razão por conta própria — o padeiro rangeu os dentes tão perto do rosto do outro homem que Luna achou que ele iria mordê-lo —, farei você ver à força.

Não houve tempo para que Luna registrasse o peso das palavras do homem. Em um momento, ele estava com seu pai nos braços e, no outro, ele o lançava para o lado.

Em um rompante, o padeiro se lançou na direção da garota com os dentes trincados e a bocarra arreganhada, com uma faca enferrujada em mãos.

Luna não chorou quando a lâmina perfurou sua pele, rangendo pelo desuso. Luna não chorou ao ver o terror estampado nos olhos de seu pai.

E Luna não chorou quando o padeiro retirou a faca lentamente de dentro de si, tão limpa quanto havia entrado.

O padeiro arquejou, seus olhos quase pulando das órbitas. Ele virou a faca de um lado para o outro, mas nada.

Não havia uma gota de sangue sequer.

Um segundo arquejo chamou a atenção de Luna. Alarmada, ela virou-se para o pai e um toque gelado em sua espinha a fez congelar.

Ambas as mãos do homem estavam encharcadas de sangue, segurando a mesma parte do abdômen na qual Luna havia sido atingida. Agonizando, ele foi ao chão, incapaz de se sustentar.

O grito de Luna fez o padeiro soltá-la e, sem hesitar, a menina se jogou no chão ao lado do pai.

Da porta, uma voz já conhecida cantou seu nome.

— Luna, Luna, Luna… — A Morte entrou na cabana em passos lentos. — Mais uma morte em suas mãos. Quando cansará?

— Fique longe — ela gritou para a anciã.

Sorrindo, a mulher estalou a língua, de maneira reprovadora.

— Achei que já havia entendido. — Ela se agachou ao lado de Luna. — Você pode se esquivar de mim, mas não pode nunca me afastar. E você — a Morte se virou para o padeiro —, não se preocupe. Aurora está feliz comigo.

O homem pareceu acordar de seu torpor estupefato com as duras palavras da Morte. De pasmo, o padeiro passou para colérico, e se jogou no pescoço da mulher. Antes mesmo que ele encostasse em sua pele de porcelana, a Morte o empurrou com o estranho cajado que carregava. Com uma força sobre-humana, ela lançou o padeiro para o outro lado da cabana.

— Não seja ingrato — ralhou. — Estou cuidando bem dela. Da mesma forma, pequena lua, — a Morte riu, se virando para a criança — que cuidarei de seu pai.

Voltando-se para o homem que agonizava, a mulher encostou seu cristal na cabeça dele. Em desespero, Luna viu os pés de seu pai embranqueceram até se tornarem da cor do leite, a pele se desprendendo em pequenas borboletas.

Horror lhe revirava as entranhas enquanto Jean se transformava em insetos voadores. Ela observou, com olhos tão grandes quanto a lua, os bichinhos batendo as asas e escapando por frestas na madeira, se tornando pequenos pontos no céu negro.

Um frenesi de asas aveludadas havia tomado conta da cabana, indo de encontro ao seu rosto, seu cabelo, sua boca.

Apavorada, ela balançava os braços, tentando afastar e pegar as borboletas ao mesmo tempo, com nojo de suas patas, mas com saudade do homem que haviam sido.

A força dos insetos fez com que a porta, já destruída, se rompesse. Em uma nuvem, as borboletas saíram da cabana, voando rapidamente em direção à floresta.

Sem esperar para ver a reação do padeiro e de seus amigos, a menina se lançou em uma corrida atrás dos insetos, atrás de seu pai.

Suas perninhas doíam com o esforço, mas Luna continuou perseguindo as borboletas bosque adentro, pulando por arbustos e troncos caídos, atravessando córregos e lamaçais.

Ela continuou correndo, a nuvem de insetos se desfazendo cada vez mais rápido, as borboletas voando cada vez mais alto.

Até que já não restava mais nenhuma.

Até que estivesse completamente sozinha.



O aroma de jasmim a acompanhava em sua visita ao pequeno vilarejo. Parecia impossível se livrar do cheiro das flores que Dona Serena insistia em colocar em todos os cantos da pequena casa na floresta. Não que ela achasse ruim, pelo contrário, amava jasmim, mas seria bom poder usar perfumes de outras flores de vez em quando.

A velha senhora tagarelava enquanto Luna a guiava pela rua de pedras desniveladas, cuidando para que a acompanhante não tropeçasse nos seixos soltos.

Serena não fazia jus ao nome. Era uma velhinha agitada e serelepe, sempre com algo pra fazer ou coisas para dizer. Luna gostava disso. Preenchia o silêncio do seu dia a dia atarefado na cabana e mantinha seus pensamentos afastados do passado.

Hoje, especialmente, ela precisava ficar o mais distante possível de suas memórias.

Fazia seis anos que Serena havia encontrado Luna na floresta, suja e tremendo, e a acolhido em sua casa, como uma filha. Fazia seis anos que Luna não falava uma palavra sequer, com medo do que poderia acontecer se descobrissem quem ela era, *o que* ela era.

Mas desta parte Serena não sabia e, se dependesse de Luna — a quem ela chamava carinhosamente de Celeste —, nunca saberia.

A mulher morria de preocupação com as crises constantes da garota, os pesadelos recorrentes e seus colapsos frequentes. Serena fazia tudo o que era possível para vê-la feliz, e ver a senhora aflita por sua causa partia o coração de Luna, mas não havia nada que pudesse fazer para evitar seus surtos de agonia.

A tristeza era uma cachoeira infinita, e ela era apenas um barquinho à mercê da correnteza. Quando as águas a puxavam, Luna desabava. Porém, sempre que sentia o alívio do fim da queda, a garota dos olhos de lua buscava demonstrar sua gratidão para com a senhora que lhe era tão preciosa.

Todos os anos, no dia do aniversário de seu encontro, as duas saiam da humilde cabana na floresta para uma tarde de regaleios no vilarejo mais próximo. Este ano, segundo Serena, era o mais especial de todos, pois seis era seu número da sorte.

— Veja, querida. — Ela apontou um dedo enrugado e rechonchudo em direção a um grupo de pessoas amontoadas em um canto da praça. — O que será aquilo?

Luna deu de ombros, se perguntando o mesmo.

— Precisamos ver o que está acontecendo. — Ela apertou o passo. — Aposto que é um espetáculo. Faz tempo que os artistas não vêm à cidade. E, além do mais, hoje fazemos seis anos! Com certeza é um espetáculo, pela nossa sorte.

Luna abriu um sorriso, feliz com a animação da companheira. Serena sempre amou as performances dos nômades circenses, já a menina, não era a maior fã.

O medo de ser reconhecida por um dos viajantes sempre a dominava nos espetáculos, e ela passava a maior parte dos shows encarando o chão e escondendo o rosto.

As duas se aproximaram da aglomeração, se infiltrando no agrupamento. Serena não tinha pena nenhuma dos espectadores que estavam em sua frente, distribuindo cotoveladas e usando a desculpa da idade para empurrar todos que estivessem a atrapalhando. Em poucos instantes, a dupla estava frente a um palco baixo e improvisado, onde um garoto gritava para atrair o público, prometendo magia, ilusões e diversão.

Luna manteve o olhar em suas botas, enquanto Serena aplaudia e dava pulinhos ao seu lado. Pelo canto dos olhos, a menina viu contorcionistas dobrando seus corpos em posições que ela nunca achou serem possíveis, dançarinas rebolando e girando pratos apoiados em varas finíssimas e acrobatas saltando para lá e para cá em pinotes que a deixava sem fôlego.

Tudo isso, é claro, enquanto um pequeno macaquinho percorria a plateia com uma cartola em mãos, pedindo uma contribuição mais do que merecida para os artistas. Quando seus pezinhos rápidos chegaram até Serena e Luna, a menina se abaixou para colocar algumas moedas de cobre no chapéu e aproveitou para acariciar o pelo amarelado.

O mico, entretanto, não apreciou muito o afago.

Com suas mãos diminutas, ele agarrou a ponta do indicador de Luna e deu uma mordida feroz em seu dedo.

A menina arquejou, assustada, mas o macaco continuou sua procissão de moedas, inabalável com seu rosto fofinho escondendo os dentinhos malévolos e afiados.

— Não se preocupe, não é nada pessoal. — Uma voz vindo de trás da garota a surpreendeu. — Marcel é um macaco bem mal educado, por mais que eu tente treiná-lo.

Luna se virou para encontrar um garoto lhe oferecendo um sorriso travesso. Sua pele marrom reluzia naquela tarde de verão, os raios solares brilhando em suas íris azuis.

— Prazer. — O estranho estendeu a mão. — Meu nome é Nicolas.

Luna sorriu de volta.

Ele era lindo.

A menina estendeu a mão e apertou a do menino, apreciando o calor de sua palma.

— Ela é Celeste — Serena interveio, lhe dando um olhar cheio de incentivo. — Minha filha não fala.

Nicolas assentiu, sorrindo.

— Tudo bem. — Ele voltou suas covinhas para Luna. — Acho que ainda podemos conversar, não é?

O coração de Luna apertou. Tudo que ela queria fazer era conversar usando sua voz, suas palavras, mas teria que manter a imagem que havia criado. Luna assentiu de volta, tristemente.

Nicolas franziu o cenho e passou as mãos em seu lustroso cabelo negro. De repente, seu semblante se iluminou e ele estalou os dedos, retirando uma rosa do bolso.

— Uma flor, como pedido de desculpas. — Ele fez uma cortesia exagerada, entregando-lhe a rosa. — Um presente em nome de Marcel.

Luna riu, levando as pétalas ao nariz. O cheiro doce a preencheu e ela deixou a cabeça pender, agradecendo silenciosamente.

Nicolas lhe deu uma piscadinha e se aproximou lentamente, o sorriso brincalhão nunca deixando seus lábios.

Luna prendeu a respiração. O que ele estava fazendo?

Engolindo em seco, ela observou o garoto esticar a mão até seus cachos, prendendo-os atrás da orelha. Quando sua mão retornou para seu lado, Nicolas segurava uma segunda rosa, mais cheia e mais vermelha que a primeira.

— E esta — ele lhe ofereceu a flor —, é um presente meu, para a menina mais linda que

já vi.

O rosto de Luna corou e ela desviou o olhar. Uma leve irritação começou a se formar no fundo de sua mente, a quantidade de meninas que já haviam caído nesta paquera descarada se formando em seus pensamentos.

Olhos como o dele poderiam fazer qualquer um cair aos seus pés. Mas olhos como os dela… Bem, olhos como os dela poderiam matar.

Por mais mulherengo e abusado que o garoto parecesse, ele não merecia seu afeto. Já bastava o apego que tinha com Serena. Luna não queria mais nenhum corpo em seu cemitério mental. Ela não queria ver mais nenhum ente querido pálido como o leite e frio como o inverno.

O jeito, ela se lembrou, era não se aproximar de ninguém.

Contudo, uma pequena parte da menina, uma minúscula, porém poderosa parte, a puxava para o lado contrário.

Ele é um viajante, a coceirinha em sua mente lhe disse, *logo sairá da sua vida e nem se lembrará de você. Qual o problema em se divertir um pouquinho?*

— Espero te encontrar ao final do espetáculo, princesa. — Nicolas tomou a mão de Luna e se inclinou, encostando os lábios úmidos em sua palma, mantendo seu olhar fixo nos olhos arregalados da menina.

Realmente, Luna cedeu, *que mal pode fazer um pouco de diversão?*

Sorrindo, ela assentiu.



Serena passou o resto da tarde dando dicas sobre o que fazer e o que não fazer na presença de um cavalheiro. Segundo ela, a sedução era uma arte antiga e que, no seu tempo, ela era a maior artista.

— Veja, Cel — a senhora disse, enquanto trançava seus cabelos com as margaridas que haviam comprado na bancada do florista. — Tudo não passa de um truque. Aquele rapazinho pode saber transformar uma rosa em duas, mas não há magia maior do que se tornar a própria rosa. Um piscar de olhos aqui, um suspiro ali e pronto, aquele filhote de homem estará em suas mãos. — Ela deu uma risadinha travessa.

No final do dia, quando o sol começava a se derreter no horizonte, a multidão ao redor do palco se dispersou. Os viajantes organizavam a bagunça do espetáculo, desmontando o palco e guardando seus apetrechos.

Luna sentiu um sorriso tranquilo se formar em seus lábios enquanto observava Nicolas contando as moedas em seu chapéu, com o cenho levemente franzido em concentração.

O garoto deve ter sentido o olhar de Luna em seu rosto, pois levantou os olhos e escaneou a praça, parando quando encontrou a menina. Seu semblante se iluminou, seu sorriso radiante. Nicolas se levantou e andou em direção a ela com o queixo erguido e passos firmes.

Luna invejou sua confiança e disposição. Ela adoraria andar pelo mundo como se nada pudesse acontecer com seu corpo frágil e mortal, como se a Morte fosse apenas um conceito abstrato que não chegava nem perto de seus pés.

Mas a verdade era que ela não era frágil. Era o oposto disso. Luna era como uma navalha na mão de sua madrinha, o golpe fatal que fazia com que seus amados caíssem mortos onde estavam. Ela odiava sua imortalidade, mas odiava ainda mais a si mesma.

Nicolas parou em frente à dupla com graça e cortesia, levando a mão de Serena aos seus lábios em um beijo galanteador.

— Minha senhora — ele a cumprimentou —, se importaria se eu levasse sua filha para uma caminhada?

Luna sentiu seu coração saltar e mordeu os lábios para conter a empolgação. Serena a olhou de soslaio, agradavelmente surpresa com a educação do rapaz. Ela estava exultante, Luna percebeu. Talvez mais alegre que a própria garota.

— Na verdade, querido — a senhora se levantou, levando o cesto de compras consigo —, eu até agradeceria. Uma mulher precisa de um descanso às vezes, e filhos sempre estão no caminho.

Serena lhe deu uma piscadela, antes de sair andando em direção à floresta, provavelmente já pensando em todos os cobertores que costuraria para os futuros filhos dos dois recém-conhecidos. Ela sempre insistia na ideia de netinhos correndo pela casa e puxando seus cabelos brancos. Luna apenas ria, pois as duas sabiam que ela não havia nascido para ser mãe.

— Lembrem-se crianças — Serena gritou já com as costas viradas para os dois — a Lua está sempre observando, então não façam nada que eu não faria.

Luna sentiu suas bochechas corando e se recriminou mentalmente por ter aceitado o convite de Nicolas. Ela não sabia mais como se comportar perto de outras pessoas. Bem, na verdade, ela nunca soube, mas se um dia já esteve perto de entender os trejeitos sociais, atualmente, não poderia estar mais longe de compreendê-los.

Não houve muito tempo para que Luna refletisse acerca de sua falta de jeito, pois, em um instante, estava sentada e, no outro, Nicolas a puxava pela mão, lançando-lhe um sorriso mais brilhante que as maiores estrelas.

— O que acha de um Bolo de Nuvem? — perguntou. — Cheguei na cidade ontem à noite e nas ruas só falam sobre como precisamos provar esse lanchinho típico da cidade.

Luna assentiu, balançando a cabeça animadamente.

Os bolinhos da vila eram sua parte favorita da cidade. Redondos e rechonchudos, suas casquinhas de chocolate branco derretiam na boca, apenas para revelar um paraíso de chantilly gelado e doce.

Serena gostava de dizer que os bolinhos tinham o gosto das noites de verão: úmidos, refrescantes e melados. Luna concordava, mas por um motivo diferente. Os doces a lembravam de Aurora e sua meiguice, seus cabelos tão loiros quanto o amarelado do chocolate. Principalmente, os doces a lembravam das noites quentes que havia passado com a amiga em meio às charnecas molhadas pelas chuvas do verão, o fim do dia com gosto açucarado pela presença da menina.

Mesmo pensando na doçura dos bolos, Luna sentiu a boca amargar com a dor do luto. Como ácido, a perda revirava seu estômago até os dias de hoje, de vez em quando, subindo pelo seu organismo até se transformar em bile em sua boca.

— Terra para Celeste — Nicolas a chamou, com um sorriso desconfiado em seu rosto. — Você ouviu alguma coisa do que eu disse?

Envergonhada pela sua desatenção, Luna cobriu o rosto rubro.

Lá estava ela novamente, afundando cada vez mais no passado e afastando-se do barco de salvação que o presente lhe proporcionava.

Será que um dia ela se esqueceria daquela noite horrível?

Nicolas percorreu os braços desnudos de Luna com os dedos ásperos, segurando seus punhos delicadamente e os afastando de seu rosto.

— Não tem problema. — Ele beijou os calos da mão de Luna. — Só gostaria de saber para onde você foi, para poder te trazer de volta sempre que te ver por lá. Não parece ser um bom lugar para se estar.

Luna engoliu em seco, forçando um sorriso triste.

Não, não era um bom lugar.

Nicolas desviou os olhos, encarando algo por cima dos ombros da menina. Um sorriso logo brotou em seus lábios e ele apontou para direção que observava.

— Acho que chegamos, princesa.

Luna se virou, dando de cara com uma barraquinha de toldo azul que prometia "os melhores Bolos de Nuvem da região."

Novamente animada, a menina puxou Nicolas, apressando-os. Ele realmente *precisava* provar essa delícia.

Gesticulando para os círculos de chocolate, Luna pediu dois bolinhos, um para cada. O garoto fez menção de pegar suas moedas, mas ela prendeu as mãos dele, um sorriso travesso brincando em sua expressão antes tão desolada.

Esses eram por conta da casa.

Já com seus lanches em mãos, os dois se sentaram em um banco que rodeava a praça central da cidade. Luna esperou o ilusionista dar a primeira mordida para provar o bolo, ansiosa pela sua reação.

Atenta, a menina viu os olhos de Nicolas se arregalarem quando a espuma cremosa explodiu em sua boca, e ela riu.

Era impossível não gostar dos Bolos de Nuvem.

— Meu deus! — ele grunhiu enquanto mastigava, desesperado para manter o sabor único em sua boca pelo máximo de tempo possível. — Agora entendi porque chamam esse negócio assim! — Nicolas apontou para a metade restante de seu doce. — É como se eu estivesse nas estrelas.

Luna assentiu enquanto mastigava o próprio bolo, pois o entendia perfeitamente.

Concentrada no creme branco do seu lanchinho especial, a menina não notou a mão estendida de Nicolas até que ela estivesse em seu rosto. Deslizando o indicador pelo canto dos lábios de Luna, ele limpava a espuma que havia escapado de sua boca.

A garota sentiu o rosto arder e ficou com medo de seu coração pular para fora do peito, mas sustentou o olhar de Nicolas enquanto ele a limpava. O garoto mantinha um sorriso calmo e seu toque era como mel na pele dela. Quando se afastou, Luna sentiu o calor de sua mão se dissipando aos poucos, assim como a sensação satisfeita que a preenchia por inteiro se esvaindo.

— Você ainda tem tempo para gastar? — Nicolas perguntou esperançoso. — Quero te mostrar uma coisa.

Os dedos dos pés da menina se enrolaram e o calor novamente ocupou seu corpo. Luna sorriu, feliz por ainda não ter que se despedir.

Ela odiava despedidas.

Nicolas se levantou, puxando-a pela mão.

Em um momento, eles se encaravam, Nicolas com seu já familiar sorriso torto e Luna com seu rubor de praxe. No outro, eles corriam pela praça, esbarrando em vendedores e atropelando carrinhos de mão.

— Vamos logo, princesa! — ele gritou, desviando das pessoas na praça em sua corrida desenfreada. — Precisamos chegar logo!

Luna não sabia se ria ou gritava, com o ar batendo em seu rosto, bagunçando seus cachos,

e aldeões irritados a encarando feio depois dela trombar em seus braços. Estava aterrorizada com a possibilidade de tropeçar na rua de pedras desniveladas, mas seu medo de parar era maior.

Seu coração não se sentia tão vivo assim desde Aurora.

Correndo por entre ruas estreitas e casas de madeira cada vez mais elegantes, Luna e Nicolas chegaram em um muro de pedras alto e escuro, coberto por musgo e hera. Os dois arfavam com as mãos entrelaçadas, apoiando as costas na parede e rindo, as respirações entrecortadas.

Nicolas se descolou do paredão, se aproximando de Luna com um sorriso meigo. Ele pegou um cacho entre os dedos e analisou a curvatura de sua mecha, colocando-a delicadamente atrás da orelha da garota. As pontas de seus dedos se prolongaram na pele de Luna, uma carícia lenta da base da orelha até seu queixo, um toque tão sutil que poderia ser confundido com uma ilusão ou com a eletricidade pura que fluía entre os dois.

Luna engoliu em seco, recusando-se a ceder à tentação e fechar os olhos. Ela encarava Nicolas com seus olhos enormes, admirando cada pedaço de seu rosto, de sua pele marrom ao azul de seus olhos.

— Chegamos — ele disse baixinho, quase um sussurro.

Desviando o olhar, Nicolas encarou a parede atrás dela e esticou o braço, posicionando sua palma sobre as pedras. Luna sentiu o outro braço de Nicolas se enroscar em sua cintura, segurando-a firme e puxando-a para o lado.

Se o aperto de Nicolas em seu corpo não fosse tão firme, a garota teria caído para trás.

Empurrando as pedras, o garoto revelou uma passagem no muro, uma abertura luminosa para um lindo jardim.

Luna prendeu o fôlego e levou as mãos à boca. Ela nunca havia visto um quintal tão verde e vistoso. Nicolas sorriu, gesticulando com a cabeça para que entrasse. Sem perceber, seus pés a levaram para dentro do pequeno parque particular.

Tomando-a pela mão, o garoto a conduziu até uma ponte baixa, que atravessava uma lagoa cristalina. Peixinhos laranjas e brancos nadavam nas águas claras, sapos coaxavam nas pedras lisas e pássaros piavam alegremente nas árvores frondosas.

Luna viu uma pata branca guiando seus filhotinhos amarelos pela grama nova e orvalhada, pulando, um a um, no charco. Do outro lado da ponte, cerejeiras balançavam seus galhos ao vento, as flores rosas voando na brisa morna. Os dois seguiram por uma trilha larga, apreciando a paisagem bucólica e tranquila.

Se a paz fosse um lugar, Luna pensou, *seria este jardim.*

Um coreto grande e hexagonal se erguia no final do caminho, com o teto de madeira branca sustentado por delicadas colunas. Um banco estreito acompanhava a mureta, dando a volta em toda a estrutura.

Nicolas se sentou e, hesitante, Luna se acomodou ao lado dele, em uma distância segura para o seu coração. Não tão próxima para ter um ataque nervoso, nem tão longe para ficar com vontade.

O garoto tomou suas mãos entre as dele e olhou fundo em seus olhos. Ele respirou fundo e lambeu os lábios, lutando contra palavras que ainda não haviam escapado de sua boca. Por fim, Nicolas disse:

— Eu sei que você pode falar.

A gentileza em sua voz não amorteceu o choque que Luna sentiu. Foi como se estivesse no paraíso em meio às nuvens e, de repente, uma tempestade se formasse ao seu redor, ensopando-a com água gelada e abalando-a com relâmpagos.

Luna piscou, fazendo-se de desentendida, mas sentiu seu rosto corar e seu coração saltar. Nicolas apertou sua mão, sutilmente.

— Não quero te assustar, só quero entender — ele continuou, seus olhos repletos de curiosidade e cautela. — Sei que você consegue me ouvir e me entender porque sei que percebeu meu comentário no espetáculo quando ainda estava de costas. E sei que consegue falar, porque já fez diversos ruídos na minha presença.

Luna engoliu em seco, paralisada. Não queria ser descoberta, porque ser descoberta significaria explicar e explicar significaria dar vida às memórias que deveriam permanecer enterradas.

Explicar seria convidar a Morte novamente para a sua vida.

— Princesa, escute — Nicolas suplicou. — Eu só preciso ter certeza de que não está se aproveitando daquela senhora que estava com você. Perguntei pela vila e sei que não são parentes. Não quero pensar mal de você. — Ele mordeu os lábios. — Mas não poderia deixar a aldeia sem ter absoluta certeza de que não está abusando da generosidade de uma idosa.

Luna arfou, indignada.

A situação era pior do que imaginava.

Levantou-se bruscamente, quase derrubando Nicolas do banco. Ela não precisava ficar ali, ouvindo tamanha invasão de privacidade, essa acusação ridícula e espalhafatosa.

Marchando com passos fortes em direção à ponte, ela sentiu seu braço ser puxado para trás. Toda a amistosidade havia desaparecido do rosto de Nicolas, substituída por uma prudência fria e calculista.

— Te trouxe aqui porque sei que ninguém nos ouvirá — ele disse, baixo e ríspido. — Mas não posso te deixar voltar sem ter me dado uma explicação. Ou você me conta o que está acontecendo ou eu conto para aquela mulher o que eu sei.

Os olhos de Luna se arregalaram e, sem pensar, gritou:

— Não conte nada a Serena!

Luna se desvencilhou e levou as mãos à cabeça, agarrando seus cabelos com raiva.

Estúpida, burra, imbecil.

Todos os xingamentos possíveis passaram pela mente da garota, que se agachou no chão em desespero e frustração.

Não deveria ter falado nada.

Levantando os olhos até Nicolas, ela observou a postura confiante do garoto. Com os braços cruzados e as sobrancelhas erguidas, ele aguardava pacientemente que sua pequena demonstração de autoflagelação acabasse.

Resignada, Luna se jogou na grama, sentando-se de pernas cruzadas. Nicolas se acomodou ao seu lado, silencioso como uma sombra.

— Você é um intrometido — ela disse, rouca pelo desuso dos músculos.

Ele deu de ombros.

— Já fui chamado de coisas piores.

Nicolas sorriu e, pela primeira vez, Luna notou uma única covinha em seu lado esquerdo.

Pessoas bonitas sempre vêm com problemas, Luna pensou.

Ela esfregou os olhos e suspirou, se preparando mentalmente.

Agora, a única opção que lhe restava era contar a verdade. Suspirando, começou:

— Eu não sou daqui. — Ela pigarreou, esticando as cordas vocais. — Vim de uma aldeia ainda menor, mais ao sul. Sou a segunda filha dos meus pais, mas sou a última da minha família.

Aos poucos, e com muita cautela, Luna contou toda a sua trajetória, desde a sua infância solitária até a noite assustadora que havia passado na floresta, antes de Serena a encontrar. Quando terminou, sua garganta ardia, desacostumada com palavras saindo de sua carne.

Nicolas mantinha-se quieto, os olhos fixos no rosto dela, pensativo. Sentindo-se julgada, Luna desviou o olhar e se abraçou, protegendo-se da observação escrutinadora do garoto.

— Não precisa acreditar em mim — ela disse, baixinho. — Só não conte a Serena. Ela é mais frágil do que parece e morreria de desgosto. Não quero mais ser responsável pelo sofrimento de ninguém.

Com os olhos marejados e o coração apertado, Luna brincava com dentes-de-leão na grama, arrancando seus caules e soltando suas sementes, lançando-as ao vento.

— Eu posso ir embora se quiser — ela se forçou a dizer. — Mas não conte a Serena.

— Não acho que deva ir embora — Nicolas disse.

Luna virou lentamente em sua direção, analisando o rosto tranquilo do garoto em busca de uma armadilha ou de alguma piada, mas não havia nenhum traço jocoso em sua feição.

Ela o encarava curiosa e cheia de dúvidas quando passos apressados ecoaram na trilha atrás de si. Os olhos de Nicolas se arregalaram, sua expressão antes tão plena, agora, um misto de terror e surpresa.

Franzindo o cenho, a menina se voltou na direção do som, mas antes que pudesse encontrar a pessoa que se aproximava, sentiu um puxão em seu braço, brusco e forte. De um instante para outro, estava de pé, sendo arrastada pelo jardim por Nicolas.

Ela lutou para se estabilizar, tentando não tropeçar nas pedrinhas soltas na grama, enquanto o garoto a apressava para a saída. Gritos começaram a persegui-los, e os passos misteriosos ficavam mais e mais rápidos, se aproximando cada vez mais. Confusa, ela se deixava ser puxada enquanto tentava entender quem os estava encalçando, a adrenalina correndo veloz por suas veias.

— Vamos, princesa. Não podemos ser encontrados aqui — Nicolas ralhava.

— Aqui? — ela afastou os cachos rebeldes da frente de seus olhos. — Aqui, onde?

— No jardim do duque! — o menino gritou, exasperado. — E, pelo amor de Deus, segura esse vestido. Se você cair, já era.

De olhos arregalados, Luna praguejou, apertando o passo.

O jardim do Duque!

O Jardim! Do Duque!

Como raios eles haviam entrado ali?

— Já era o que, Nicolas? — Luna disse, enquanto enrolava a barra do vestido no punho.

Se Serena a visse agora, daria um chilique.

— Você. — Ele desceu a mão pela sua espinha, empurrando a base de suas costas. — Eu não vou ser pego por sua causa.

Indignada, Luna afastou a mão do menino, se apressando. Ela sentiu o rosto corar tão forte quanto uma rosa recém desabrochada, mas resistiu ao impulso de estapear a face risonha de Nicolas.

— Onde está o menino cheio de moralismo de dez minutos atrás? — Os dois pularam um tronco caído, a ponte já visível à distância. — Você não podia deixar quieto uma coisa que não era nem de longe da sua conta, mas largar uma menina pra trás enquanto foge de sei-lá-quem está tudo certo pra você?

— Sou um homem de prioridades, princesa. — Ele corria logo atrás dela, rindo sozinho.

Luna não achava isso nem um pouco engraçado.

— Você é um ilusionista — ela berrou. — Nos ilusione! Nos torne invisíveis! — Luna tropeçou, mas Nicolas a puxou de volta para cima antes que desse de cara no chão.

Ela se desvencilhou, arfando. Ele não tinha dito que não a levantaria se caísse?

— Se fosse simples assim, não acha que eu já teria feito isso? — Nicolas sussurrou em seu ouvido.

— O que eu acho que você deveria ter feito era não invadir uma propriedade privada! — Luna ralhou.

— Tecnicamente, princesa, *nós* invadimos uma propriedade privada.

— Não! — ela disse enquanto corria pela ponte, a madeira embaixo de si rangendo e afastando os peixes. — Você me enganou e ainda por cima me chantageou! *Você* invadiu uma propriedade privada. Eu sou uma vítima.

Ele gargalhou, tomando a dianteira em um rompante e a puxando pela mão para a saída no muro de pedra.

Como o garoto poderia estar se divertindo em uma situação dessas, Luna fingia não saber. Sua cara emburrada disfarçava perfeitamente a vibração que percorria todo o seu corpo, fazendo seus dedos formigarem e sua cabeça pulsar, seus nervos à flor da pele tornando todos os sentidos mais vívidos: ela sentia o perfume de cada flor, via as suas pétalas mais brilhantes do que nunca. Sentia o vento batendo frio em seu rosto suado, um beijo gelado e impiedoso. Ouvia diversos pássaros cantarem, suas vozes soando muito claras. Sentia o gosto da primavera na língua, o pólen doce em sua boca.

Ela se sentia viva.

Ou melhor: se sentia mais afastada da Morte do que jamais esteve.



Os lampiões já estavam acesos nas ruas quando Luna e Nicolas despistaram o guarda insistente. A lua cheia brilhava no céu avermelhado, acompanhando os passos incertos da dupla, que vagava pelas vielas da cidade sem rumo e sem destino.

Pela primeira vez em muito tempo, Luna não queria afastar alguém de sua companhia. Pelo contrário.

Ela queria mais.

Queria que o dia se estendesse e o tempo congelasse. Luna nunca havia se sentido tão protegida e tão em paz quanto se sentia na presença de Nicolas.

Ele não era o mais ajuizado dos rapazes, claro. A tarde havia provado isso. Mas ele com certeza era o mais doce, do seu jeito.

Nicolas podia ser um menino insensato e abusado, porém, com ele, Luna se sentia intocável. Ela sentia que *ele* era intocável. Que estavam seguros juntos.

Pelo menos, era o que Luna pensava.





O sermão de Serena já durava minutos quando a anciã se deu por satisfeita. Luna nunca havia a visto tão brava. Sua pele brilhava com o suor do estresse e sua boca estava contraída em uma linha fina, o dedo em riste apontado para o nariz da menina.

Luna nunca imaginou que Serena pudesse ser tão passional em relação a um jogo.

Em volta, toda a trupe viajante ria, entretida pelo chilique da velha senhora. À sua frente, as cartas do baralho jaziam jogadas em cima da mesa, reviradas e amassadas pelo uso.

Este já era o terceiro dia que passavam com os circenses, e também o terceiro dia em que Serena se recusava a admitir sua derrota. O alvo da senhora era sempre o vencedor e, desta vez, o peso recaiu sobre Luna.

Ela tentava se manter séria para não irritar ainda mais sua amiga, porém, quanto mais Luna se mantinha de cabeça baixa, mais Serena brigava. A menina, entretanto, faria de tudo para evitar um confronto ainda pior. Internamente, ela se deleitava com as caretas que a mulher lançava em sua direção.

Cansada, Serena se sentou bruscamente, cruzando os braços.

— Vamos, Sereninha. — Nicolas surgiu atrás da senhora, posicionando suas mãos nos ombros da mulher e massageando delicadamente seus músculos tensos. — Deixe isso para lá. Todos sabemos o quanto Luna gosta de trapacear.

O menino lhe lançou uma piscadinha e um sorriso torto, seus olhos de oceano ondulando com a luz dos lampiões.

O coração de Luna já havia pulado bem antes, se lançando de um precipício. A cada dia que passava, mais fundo ele despencava e a menina temia o momento em que ele finalmente caísse aos pés de Nicolas.

Luna mostrou a língua, falhando miseravelmente em demonstrar a extensão de sua irritação. Nicolas apenas sorriu e foi se sentar ao lado dela, com Marcel em seu encalço.

Ela manteve suas mãos bem afastadas do animal, havia aprendido a lição. Marcel morria de ciúmes de Nicolas e não seria ela a desafiar seus dentinhos maléficos.

Luna juntou as cartas espalhadas e formou um monte, embaralhando-o. A música da trupe animava sua noite, o som alegre das gaitas, sanfonas e tambores ressoando no campo em que haviam se instalado.

Um grupo dançava em roda, puxando o círculo de um lado para o outro, as pernas balançando no ar. Do outro lado do prado, algumas mulheres cozinhavam em frente aos vagões e à tenda vermelha e branca do circo. Dando ordens às cozinheiras, estava Irene.

A mulher, embora já uma senhora, era bem mais nova do que Serena. Sua pele marrom reluzia no calor das fogueiras e os olhos azuis, tão claros quanto os do menino ao lado de Luna, brilhavam agitados.

Quando Serena começou a reclamar da demora para distribuir o carteado, Luna desistiu do jogo, passando o baralho para Nicolas. O menino arqueou uma sobrancelha, surpreso pela

desistência dela, mas abriu um sorriso ao vê-la sinalizando em direção a sua mãe.

Luna se levantou e andou até a cozinha improvisada, absorvendo os deliciosos aromas apimentados que sempre faziam parte das refeições por ali. O cheiro e o chiar do alho na panela lhe deram água na boca, mas ela se forçou a engolir a saliva e pegar um avental do varal pendurado entre dois vagões.

Ela amava passar tempo com Nicolas, mas também adorava a companhia da mãe dele, principalmente quando ela estava cozinhando.

Irene na cozinha era uma obra de arte bonita de se ver. Ela movia-se com uma elegância nata, mexendo panelas e pegando ingredientes, serpenteando entre uma fogueira e outra, temperando caldos e cozidos. E, além de toda a habilidade, havia o carinho tenro que Irene colocava em sua comida. Todas as refeições eram regadas a amor e esmero, o que era, segundo Nicolas, o sabor diferencial nos pratos de sua mãe.

A mulher mexia uma panela fervente quando Luna se aproximou, mas parou assim que viu a menina ao seu lado. Abrindo um largo sorriso, Irene a puxou pela cintura para um abraço de lado.

Rindo, ela a soltou. Sinalizando com as mãos, a mulher posicionou o indicador contra o punho esquerdo e puxou as mãos para perto de si, para depois balançar os punhos para cima e para baixo.

“Me ajuda?”, ela perguntou alegre.

Luna sorriu de volta, feliz com sua melhora na linguagem. Em apenas três dias, já conseguia compreender quase tudo que Irene lhe dizia e, agora, podia se comunicar um pouco com Serena sem precisar arruinar seu disfarce e se embolar em mentiras.

Formando um semicírculo com a mão, ela girou o punho e desfez a meia esfera em um L.

“Claro!”, Luna respondeu.

Juntas, as duas fatiaram, grelharam e fritaram ingredientes simplórios, mas que se tornaram um banquete digno de um rei.

Luna gostava de como parecia fácil existir perto de Nicolas e de sua mãe. Ela gostava de se sentir bem-vinda e querida. Ela gostava da barulheira e da cantoria, além de amar cada segundo das inúmeras brigas que surgiam na tenda do circo. Mais que tudo, ela gostava de se sentir parte do grupo, da família.

Mesmo com poucos dias junto à trupe, Luna já não conseguia mais se enxergar longe do caos do acampamento dos viajantes, longe da comida farta de Irene e do olhar carinhoso de Nicolas.

Enquanto servia o pessoal ao redor do acampamento, Luna sentia seu coração pesar enquanto observava Serena. A mulher ria de uma das piadas de Nicolas, o rostinho enrugado contraindo-se com as gargalhadas.

Ela teria mais uma semana fazendo parte desse grupo, Luna se repreendeu. Depois, deveria deixá-los seguirem seu caminho para longe, longe dela e de sua aldeia. Deveria esquecê-los logo, pois deixar Serena para trás não era uma opção. Ela não poderia simplesmente virar as costas ao único ser humano que ousou lhe estender a mão quando estava perdida.

Nicolas a puxou para o lado dele em um banco e passou os braços ao seu redor. Luna se deixou recostar em seu peito firme, sentindo o vai e vem de sua respiração.

Ela não deveria deixar seu coração chegar ao final do desfiladeiro, mas, a cada inspiração do ilusionista, seu peito tremia com saudades adiantadas.



Os passos acelerados de um cavalo reverberaram pelo terreno descampado, fazendo mesas e talheres tremerem enquanto o animal se aproximava. Não era incomum que os circenses chegassem às pressas ao acampamento, já que sempre estavam aprontando alguma, enganando ricos bobos ou iludindo abastadas senhoritas, mas Luna sentia, com um frio dolorido na boca do estômago, que havia algo de diferente desta vez.

Ela cerrou os punhos e engoliu em seco, procurando o recém-chegado com olhos ávidos. Suas entranhas se contorciam, aguardando o pior.

O homem em cima do cavalo balançava uma folha de papel rasgada e suja, quase se despedaçando em mil. Afobado, o rapaz pulou do alazão e deixou o animal correndo a esmo enquanto percorria o resto da distância a pé.

Todos haviam se erguido de imediato, teorizando sobre o problema da vez. Um coração partido? Uma carteira roubada? Talvez um comerciante tapeado? Mas ninguém pode prever a extensão da mais nova confusão da trupe.

Bem, ninguém exceto Nicolas e Luna.

Antes de sequer verem o que estava no papel, os dois já sabiam que boa coisa não estava por vir. Um encontrou o olhar do outro, ambos refletindo o mesmo pavor e nervoso. Pé ante pé, eles se aproximaram da multidão que se aglomerava junto ao homem e seu papel.

Um desenho de Nicolas os encarava da folha retalhada, a expressão irritada e o rosto franzido. Em cima, lia-se “PROCURADO” e, logo abaixo da carranca do menino, “POR VIOLAÇÃO À PROPRIEDADE E DESAFORO À AUTORIDADE".

Luna ouviu o som de algo cortando o vento e se estatelando em algo duro, bem duro. Assustada, ela se virou para encontrar Nicolas sendo estapeado pela mãe, lutando para manter as mãos de Irene longe de sua face.

A menina cobriu os olhos com as mãos, nervosa e envergonhada. Sabia que a ideia estúpida de invadir o jardim do Duque não fora sua, mas não conseguia se livrar da impressão de que, se ela não estivesse naquele primeiro espetáculo, nada disso teria acontecido e Nicolas não estaria em encrenca.

Seu lado racional sabia muito bem que aquele menino não era flor que se cheirasse e que ele conseguiria se meter em confusões com ou sem sua presença, contudo, o seu lado mais emocional - o lado predominante - gritava-lhe obscenidades e indecências, culpando-a por tudo.

Na noite do jardim, Nicolas havia garantido a ela que estava tudo bem e que nunca ninguém os iria encontrar. Ele e a trupe haviam apresentado um espetáculo particular na mansão do Duque dias antes e, por isso, ele havia descoberto a entrada de funcionários, mas, na ocasião, ele estava mascarado e pintado, então não conseguiriam associá-lo ao circo.

Nisso ele estava certo. Não o haviam associado aos viajantes, porém seu rosto havia sido muito bem guardado pelo vigia. Estava tudo ali, naquela folha de papel.

Uma mão delicada tocou o ombro de Luna, virando-a na direção oposta. Serena a olhava preocupada, meio perdida em meio à confusão.

— Vai ficar tudo bem — ela lhe disse. — Se Nicolas consegue multiplicar rosas, ele consegue despistar alguns guardas.

— Ela está certa. — A voz de Nicolas soou firme e segura em seus ouvidos e ela se

voltou para encará-lo. Sorrindo de um jeito quase imoral, com os furinhos da bochecha a provocando, ele continuou: — Não sou um ilusionista à toa.

Luna bufou, revirando os olhos. Ela tremia dos pés à cabeça, então cruzou os braços para manter seus ossos estáveis.

Irritada, a menina reproduziu o sinal que Irene mais mostrava a seu filho: abaixando os três dedos do meio e mantendo o dedão e o mindinho esticados, Luna levou a mão à cabeça com raiva e frustração, fazendo rápidos movimentos circulares em sua testa.

"Idiota. Idiota. Idiota", ela lhe dizia.

Nicolas apenas riu, como se não tivesse uma única preocupação no mundo e a envolveu em um abraço. Luna se deixou ser confortada pelo garoto e se acalmou com o cafuné lento e carinhoso, seu coração batendo cada vez mais devagar.

Ela apoiou o queixo em seu peito, encarando aqueles olhos azuis tão anis quanto o céu. Nicolas levou uma das mãos aos seus cachos, posicionando uma de suas mechas rebeldes atrás da orelha. Quando a mão dele deixou seu rosto, o garoto tinha consigo uma flor da Lua, sua favorita. Tão rara quanto ela.

Luna sorriu e aceitou o presente, guardando-o para si, assim como guardou todos os seus receios. Porém, no fundo, ela sabia que algo se aproximava. Conseguia sentir no ar o cheiro adocicado de flores, que sumia momentaneamente quando inspirava o perfume ainda fresco de sua rosa.

No acampamento, os viajantes já haviam voltado a conversar e a dançar e Luna se deixou ser puxada para a roda.

Ao longe, bem onde o campo se tornava floresta, uma velha senhora a observava.



Luna costumava dormir tão bem quanto um urso em seu quarto, mas, naquela noite, sentia que estava rolando em pedras.

Revirando-se entre os lençóis, a menina lutava contra o próprio corpo, que insistia em se manter acordado. Sua camisola estava empapada com suor e sua cabeça doía de tanto forçar os olhos a ficarem fechados.

Porém não importava mais se suas pálpebras estavam abertas ou não, porque a voz de sua madrinha, que antes vivia no escuro e nas sombras de sua mente, havia se apoderado de toda a luminosidade também.

Luna ouvia a voz rouca e engasgada da mulher como se ela estivesse ao seu lado, sussurrando em seu ouvido, chamando por ela, ordenando que a menina entregasse as vidas que mantinha na mão.

Serena.

Nicolas.

Irene.

Sua madrinha estava atrás de cada um deles e a única arma que poderia atingi-los era Luna.

Luna não poderia morrer.

Mas eles morreriam em seu lugar.

A menina pressionou as palmas das mãos contra os olhos, até começar a ver pontinhos brancos e brilhantes subindo pela sua visão. Pontinhos brancos como pequenas e familiares

borboletas.

Luna se sentou abruptamente, com os olhos tão arregalados quanto possível, tentando fugir dos insetos asquerosos que insistiam em persegui-la. Seu peito doía pela respiração pesada e seu corpo, fumegante pelo desespero, parecia querer se separar de sua alma.

A menina abraçou os joelhos, apoiando a testa em seu colo. Contou até dez, uma, duas vezes.

Desistiu de dormir.

Levantou-se, penteou o cabelo enquanto espiava sua aparência cadavérica pelo pequeno e enferrujado espelho do quarto. Arrumou a cama bagunçada, reorganizou os livros em sua única prateleira.

Quando terminou suas pequenas tarefas, feitas em um impulso para afastar os pensamentos indesejados, sentou-se na cama, desconsolada. A lua ainda estava alta no céu e ela conseguia ouvir os roncos tranquilos e ruidosos de Serena.

Estava prestes a tentar sua sorte com o sono novamente quando ouviu uma batida baixinha na madeira de sua janela. Primeiro, achou que fosse mais uma peça pregada pela sua cabeça, mas, então, ouviu uma nova pancada, mais alta e mais firme.

Luna paralisou.

A imagem de sua madrinha moribunda surgiu em sua mente, batendo na janela com os longos dedos esquálidos, um sorriso doentio alargando seus lábios feridos e expondo seus dentes podres, prontos para devorá-la por inteiro.

A menina estremeceu, dando tapinhas em sua bochecha.

O visitante inesperado não poderia ser sua madrinha, era uma ideia absurda. A Morte não pede para entrar em sua vida, ela simplesmente arromba as portas.

Mas, então, quem seria?

Subitamente irritada com as batidas que continuavam a aumentar sua força e com medo que Serena acordasse, Luna se dirigiu à janela e abriu as venezianas.

Do lado de fora da cabana, olhando para ela, estava Nicolas, com um punho ainda levantado, preparado para dar mais uma pancada na madeira.

Luna sentiu os ombros relaxarem, a tensão já longe de seus músculos. Suspirando, colocou um dedo sobre a boca pedindo silêncio. Nicolas a imitou, garantindo que manteria a boca calada, lançando-lhe uma piscadinha.

Essas piscadelas ainda seriam sua danação, ela pensou enquanto saia de perto da janela para pegar seu robe.

Assim que amarrou a fita de seda em sua cintura, pulou o batente, caindo na grama logo abaixo de seu quarto. Luna puxou Nicolas pela mão e o conduziu até a trilha que levava a cidade, afastando-se da casa para evitar que Serena ouvisse suas conversas.

Corujas os observavam curiosas, girando seus pescocinhos flexíveis ao vê-los passar. Alguns cervos pularam os arbustos do caminho, com medo das formas humanas que se aproximavam da floresta.

Quando estavam a uma distância segura, Luna cutucou as costelas de Nicolas.

— O que está fazendo aqui?

— Não está feliz em me ver? — ele perguntou, ostentando um de seus famosos sorrisos tortos.

Luna o empurrou de leve, sem paciência para brincadeiras após a noite mal dormida. Nicolas também parecia preocupado, suas mãos inquietas sem encontrar uma boa posição, o brilho alegre de seus olhos longe de suas íris.

— Vim lhe fazer uma proposta — ele disse, desviando o olhar do rosto de Luna, sua feição séria e aflita. Nicolas respirou fundo. — A trupe decidiu deixar a cidade ao amanhecer. Eu queria ficar, mas não tive coragem de intervir quando sei que a reputação do circo também está em questão.

Luna cerrou os punhos, frustrada. Pela primeira vez, desde que se conheceram, ela desejou que Nicolas parasse de falar, porque ela sabia que o que sairia de sua boca lhe esmagaria o coração.

O garoto a puxou para perto, agarrando as mãos de Luna em uma súplica.

— Venha comigo. — Ele beijou sua testa. — Por favor.

Luna suspirou, seus lábios tremendo e os olhos ardendo devido às lágrimas acumuladas.

— Não posso, Nico. — Ela tentou se desvencilhar, mas o ilusionista a mantinha presa em seu abraço.

— Pode sim. — Ele passou os braços pela sua cintura, unindo suas testas. — Saindo daqui você terá uma família, uma vida fora da floresta. Uma vida normal.

Luna balançou a cabeça, negando.

Ele não entendia.

— Mas eu já tenho uma família, Nicolas. — Luna olhou para a pequena cabana ao longe, iluminada pelos primeiros raios solares, e sorriu.

Serena podia não ser a mais fácil das companhias, ou a mais animada, mas ela era a melhor família que a garota dos olhos de lua poderia ter pedido. Luna sabia que elas não teriam muito mais tempo juntas, mas, quando a idosa se fosse, seria ela a pessoa que manteria sua querida casa com seu adorado cheiro de jasmim.

Serena podia não ser seu primeiro amor platônico, como Aurora, ou seu primeiro amor romântico, como Nicolas, mas fora ela quem lhe apresentara o amor maternal, a afeição da mãe que nunca havia conhecido.

Luna ficaria.

A menina se virou para explicar sua decisão a Nicolas com os olhos marejados, mas a primeira coisa que viu não foi o belo menino à sua frente, mas, sim, o asqueroso e grotesco homem atrás dele.

Um machado velho e cheio de musgo cortou o ar ao mesmo tempo que Luna empurrou Nicolas para longe. A lâmina acertou o tronco atrás dos dois com um baque surdo, formando um rasgo profundo na madeira do pinheiro.

Nicolas agora a mantinha atrás de si, os braços abertos forçando uma separação entre ela e o homem com o machado. Luna agarrou os ombros do menino, tentando afastá-los o máximo possível do maluco assassino.

— Você enlouqueceu? — Nicolas perguntou, indignado. — Poderia ter nos matado com esse treco aí! — Ele apontou para o machado velho, seu rosto vermelho de irritação.

Enquanto puxava o cabo de sua arma para fora da árvore, o homem ria. Sua barba por fazer estava molhada e todo seu corpo fedia a cerveja, as roupas esfarrapadas se desfazendo em tiras.

— Louco sempre fui — o homem respondeu com a voz rouca e arrastada. — Mas também sempre fui pobre. Se é preciso cometer mais uma loucura para ficar rico, que seja, não é mesmo? — ele gargalhou.

Uma pedra se assentou no estômago de Luna ao entender do que aquilo se tratava.

Haviam encontrado Nicolas.

Aquele homem embriagado o havia seguido até ali e agora eles estavam ferrados.

Estavam ferrados desde o dia em que se conheceram.

Lascas de madeira caíram no chão da floresta quando o machado finalmente se viu livre de sua prisão. Um sorriso inclemente pintou os lábios do homem que os encarava como se estivesse diante de um grande banquete.

— Não me levem a mal, crianças — ele explicou, trocando o machado entre as mãos, brincando com a lâmina, como ele, agora, brincava com suas vidas. — Não é nada pessoal. Mas eu preciso da cabeça do menino para ganhar um passe livre para a aristocracia.

A cada passo que o homem dava para frente, Luna e Nicolas andavam dois para trás. Sorrateiramente, o garoto enlaçou suas mãos nas dela, apertando-as de leve.

Luna via o rosto do velho se transformando em fumaça e se refazendo no rosto cínico de sua madrinha, as vozes dos dois se misturando em uma canção desafinada e arrepiante.

A menina tentou focar sua visão no corpo masculino à sua frente e não na forma etérea e sombria da Morte pairando sobre sua cabeça. Luna se concentrou na pressão da palma de Nicolas, na realidade noturna da floresta à sua volta.

Nicolas lhe deu mais um apertão e, então, ela entendeu o recado.

“Corra.”, ele parecia querer lhe dizer. *“Corra antes que seja tarde demais.”*

Então, Luna correu.

Com os passos de Nicolas retumbando atrás de si, ela galgou a terra macia da floresta, pulando galhos caídos e desviando de pedras e encostas.

Ela precisava de um plano, e rápido.

Irrompendo na clareira de sua casa, Luna se virou, vendo Nicolas surgir, suas pernas ágeis logo o aproximando de si. Vários segundos depois, o homem apareceu, machado em mãos.

Ofegante e tremendo, Luna olhou de um para o outro. Para Nicolas, forte e saudável, vindo em sua direção, e para o homem, desengonçado e trôpego.

E, assim, ela teve uma ideia.

Guardada em uma caixinha no fundo do armário de pratos, Serena mantinha uma pistola. Uma arma fajuta e empoeirada, mas que sempre mantinha carregada. Um pedaço de metal que Luna sempre julgou inútil, mas que agora era sua única esperança.

A menina engoliu em seco, preparando sua garganta.

Em silêncio, ela orou aos céus, a qualquer deus que pudesse estar ouvindo os pedidos de uma afilhada da escuridão, para que Serena a perdoasse pelas mentiras.

E aí, Luna gritou.

Berrou.

Esticou ao máximo as paredes de seus pulmões, clamando por ajuda, por Serena.

Luna ouviu o ranger da porta da frente e viu o homem cessar sua corrida de olhos arregalados.

Por um breve momento, Luna pensou que ficaria tudo bem. Que estariam a salvo em segundos. Nicolas já estava ao seu lado, observando o desenrolar da perseguição.

Mas, então, tudo passou a acontecer em câmera lenta.

Um estampido surdo e um clarão preencheram a clareira, o projétil veloz em direção ao seu perseguidor. Contudo, do lado do descampado, o homem lançava o machado em uma última tentativa de acertar Nicolas.

Ainda assim, ele errou.

O machado zuniu até o garoto, passando diretamente ao seu lado e seguindo em direção à casa na floresta. Em direção à varanda. Em direção à Serena.

Luna se lançou em direção a lâmina, tentando agarrar seu cabo, mas a arma escorregou

de suas mãos e continuou o seu caminho.

Porém, o alvo havia mudado.

Luna havia se posicionado bem em frente da senhora, recebendo um golpe no centro de seu abdômen.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto, a dor da ferida muito menos penosa do que a dor do ódio que sentia, sabendo que estava a segundos de perder Serena, que estava a segundos da talha que havia recebido se abrir na barriga de sua melhor e única amiga.

Entorpecida pelo pesar antecipado, Luna foi ao chão.

Ela olhou para frente, para o homem enlouquecido que sangrava sozinho no gramado. Para Nicolas, que a observava pálido e boquiaberto. E, então, ela se virou para Serena, que já estava com as mãos frágeis e enrugadas cheias de sangue, chorando copiosamente sobre seu corpo, os cabelos brancos caindo em cascatas sobre seu rosto.

Luna levou as mãos até o rosto envelhecido de Serena, acariciando suas bochechas, aproveitando os últimos momentos da vida da mulher. Em seu olhar, brilhava tudo o que sua voz embargada não conseguiria lhe dizer.

“Me desculpe.”

Tomando coragem para olhar para baixo, Luna procurou o ferimento em Serena, antecipando os momentos em que a perderia assim como perdera seu pai.

Mas não havia corte algum. Nem um único rasgo na pele rugosa por trás da camisola transparente.

Mas havia sangue.

Meu deus, como havia sangue.

Mas não era de Serena.

Ao redor do machado na barriga de Luna, formavam-se poças de sangue no robe. A dor, ao ver o próprio suco de vida deixando seu corpo pela primeira vez, pareceu se intensificar.

Nicolas ajoelhou ao seu lado, posicionando a cabeça em seu colo. As lágrimas caíam no rosto da menina, mas ela já não tinha mais forças para confortá-lo.

Luna arquejou, tentando se sentar e Serena a impediu, deitando-a novamente. A agonia ficava pior a cada segundo e seus membros começaram a formigar.

Quando a Morte apareceu, Luna já não sentia mais seus dedos. Sua respiração estava entrecortada e sangue escorria pelo seu queixo, e, mesmo assim, toda a dor sumiu assim que ela avistou sua madrinha.

Ela estava mais jovem, Luna percebeu. Bem mais jovem. Sem rugas, com a pele corada e com olhos amigáveis. Seu vestido preto balançava com a brisa da manhã e seu cajado de cristal brilhava ao seu lado.

Luna nunca achou que ficaria feliz em ver a madrinha novamente, mas, ao perceber que seus amigos estavam bem e ao seu lado, a menina não poderia estar mais grata com a visitante.

Assim, Luna sorriu para a Morte.

E, assim, o mundo se desfez em borboletas.





Tudo brilhava ao seu redor. Luna nunca esteve tão contente. As luzes quase a cegavam, e, ainda sim, era a mais bela visão que já tinha presenciado.

O sossego e a felicidade, entretanto, foram curtos.

Mesmo depois de dois anos morando e treinando com a trupe, Marcel ainda a odiava. Ela manteve o sorriso aberto, pelo bem do público, enquanto o macaco ordinário mordiscava seu calcanhar.

Ao seu lado, Nicolas agradecia a plateia, a primeira de muitas que viriam na vida de Luna.

Os dois saíram do picadeiro e atravessaram as cortinas vermelhas, percorrendo a curta distância do descampado até o camarim da menina.

Assim que entraram no vagão, Nicolas arrancou o primata da perna de Luna, enquanto ele grunhia e esperneava, colocando Marcel em cima da bancada que lhe servia de penteadeira.

— Já estava na hora — Serena disse, afastando o macaco para poder dar uma olhada no espelho, retocando a maquiagem de Irene. — Vocês atrasaram o nosso número.

Nicolas riu, abraçando a cintura de Luna.

— Assumo toda a culpa dessa vez, Sereninha. — Ele lançou sua característica piscadinha para a senhora. — Me empolguei com Luna do meu lado.

A menina o cutucou nas costelas, irritada.

— O que foi? — ele se defendeu. — Nunca tive uma assistente tão bonita quanto você e meu único amigo era um macaco ciumento. O que esperava de mim?

Serena riu, mas Luna cruzou os braços, fingindo irritação.

— Chega, crianças. — Serena abriu a porta, descendo cuidadosamente os degraus do vagão. — Nos desejem sorte!

— Quebre a perna! — falaram em uníssono.

Quando Irene fechou a porta atrás de si, Luna se permitiu descansar. Jogada na cama apertada que dividia com o marido nas viagens do circo, ela contemplava a virada que sua vida tinha dado nos últimos dois anos.

Ela demorou a conseguir admitir isso, mas havia, sim, morrido naquela noite na floresta. Ela havia sentido o abraço calmante da sua madrinha e o beijo doce que ela havia lhe dado.

Mas algo havia a puxado de volta naquela noite.

Algo maior do que a própria Morte.

Em meio a mil borboletas, Luna viu sua mãe. Entorpecida, viu Isabela a guiar para longe dos braços da escuridão. Ao seu lado, o pai seguia, segurando sua mão carinhosamente. Aurora escoltava a procissão, saltitando alegremente e abrindo caminho pela nuvem de borboletas.

Atravessando a névoa viva, Luna se viu de pé sobre seu próprio corpo. Ela estava exausta, como se não houvesse fôlego no mundo suficiente para preencher seus pulmões.

E, como se fosse a coisa mais natural do mundo, Luna se deitou sobre o próprio cadáver,

procurando descanso. Ela sentiu seu corpo a envolvendo como um cobertor quentinho, aconchegante e macio.

Ela piscou algumas vezes, observando as pessoas que mais amava ao seu redor. Sua mãe que nunca havia conhecido, mas que sempre carregaria em seu coração. Aurora, a menina que para sempre seria a sua mais verdadeira amizade. Seu pai, o homem que a ensinara a amar e ser amada. Serena, a mulher que lhe ensinara sobre o perdão sincero e verdadeiro. Nicolas, o menino que demonstrou haver mais na vida do que somente sobreviver.

E, por fim, se desfazendo pouco a pouco em meio à claridade da manhã, estava a Morte.

A madrinha que lhe ensinara o verdadeiro significado de liberdade.

Dois anos depois, em um vagão espremido em um circo viajante, Luna observava sua nova realidade feliz, com olhos tão grandes quanto a lua.

Notas da Autora

Primeiramente, queria pedir mil perdões pela morte da Aurora. Se estiver curioso para saber se eu chorei ou se tenho um coração de ferro, posso te dizer que: sou uma autora desalmada.

Segundo, este conto não existiria sem a vida — para mim nem um pouco invisível — de Addie La Rue. Quando terminei de ler sobre a história da Addie, tudo que havia na minha mente eram vários “E se”. A possibilidade mais insistente, que não saia da minha cabeça por nada, era “e se ela pudesse ser lembrada?”. E foi assim que Luna nasceu. Então, se você leu meu conto, gostou e ainda não leu Addie La Rue, leia! Não vai se arrepender.

Uma última coisa, antes de ir embora: eu escrevi este conto com um final específico em mente (e não vou falar qual), mas alguns leitores beta (obrigada mamãe!) notaram uma ambiguidade no fechamento. E eu deixei. Gostei das duas possibilidades.

Então, espero que me procure nas redes sociais e me conte: pra você, Luna está ou não morta? Ela voltou a viver ou a Morte a libertou com o pós-vida?

No que *você* acredita?

Agradecimentos

Queria agradecer primeiro à Victoria Schwab, por ser uma escritora que me inspira sempre e, neste caso, ser indiretamente responsável por Luna. Gosto da ideia de que somos suas duas mães.

Obrigada Mamis por ler esse conto antes de todos e me dar um *insight* incrível sobre uma dualidade muito legal para essa história.

Aos meus amigos, por sempre me incentivarem e acompanharem meus surtos.

À Cami, Carol, Gio e Melly, por serem as melhores betas e os amores da minha vida.

À minha irmã, para quem tive que explicar conceitos físicos de ensino médio para que entendesse esse conto (longa história).

Obrigada Malu, por ser minha alma gêmea da escrita e estar sempre comigo nos lançamentos e bloqueios criativos.

E obrigada a você, leitor, que leu até aqui. Você é o motivo de eu continuar escrevendo.